

# Arqueologia Urbana e História Local

Actas do Encontro de Homenagem a Almeida Carvalho

*Joaquina Soares (Coord.)*

AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal

FIDS - Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

# FÓRUM INTERMUSEUS DO DISTRITO DE SETÚBAL

## FIDS

---

### ALCÁÇER DO SAL

Museu Municipal de Alcácer do Sal  
Câmara Municipal de Alcácer  
do Sal

---

---

### SANTIAGO DO CACÉM

Museu Municipal de Santiago  
do Cacém / Câmara Municipal de  
Santiago do Cacém

---

---

### ALCOCHETE

Museu Municipal de Alcochete  
Câmara Municipal de Alcochete

---

---

### AMRS/MAEDS

Associação de Municípios da Região  
de Setúbal / Museu de Arqueologia e  
Etnografia do Distrito de Setúbal

---

---

### SEIXAL

Município do Seixal  
Ecomuseu Municipal

---

---

### ALMADA

Museu Municipal de Almada  
Câmara Municipal de Almada

---

---

### MOITA

Departamento de Acção  
Sociocultural  
Câmara Municipal da Moita

---

---

### SESIMBRA

Museu Municipal de Sesimbra  
Câmara Municipal de Sesimbra

---

---

### BARREIRO

Serviços Culturais  
Câmara Municipal do Barreiro

---

---

### MONTIJO

Museu Municipal do Montijo  
Câmara Municipal do Montijo

---

---

### SETÚBAL

Museu Municipal de Setúbal  
Câmara Municipal de Setúbal

---

---

### GRÂNDOLA

Serviços Culturais  
Câmara Municipal de Grândola

---

---

### PALMELA

Museu Municipal de Palmela  
Câmara Municipal de Palmela

---

---

### SINES

Museu Municipal de Sines  
Câmara Municipal de Sines

---

# NOTA DE ABERTURA

Com a presente publicação, comemorativa do II centenário do nascimento de João Carlos de Almeida Carvalho (1817-1897), abre-se mais uma larga janela sobre a Arqueologia e História da nossa Região.

Almeida Carvalho deixou um extenso legado de Apontamentos sobre a História de Setúbal, hoje no Arquivo Distrital de Setúbal, cujos documentos originais viriam a perder-se no incêndio dos Paços de Concelho, de 1910. A sua preocupação com o registo da memória colectiva da cidade onde nasceu levá-lo-ia também a atravessar o Sado e a procurar sob as dunas de Tróia um Passado mais longínquo, a cidade de filiação romana.

Ser-me-ia impossível nesta breve nota dar uma ideia, mesmo que resumida, da vida e obra do homenageado, que Setúbal e a Região puderam revisitar através de variada e extensa programação cultural planeada e concretizada desde 11 de Março de 2017 a 9 de Março de 2018 e na qual a Associação de Municípios da Região de Setúbal desempenhou um papel relevante através do seu museu.

Congratulamo-nos, pois, pela activa participação do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), em parceria com um variado conjunto de organismos públicos como a Câmara Municipal de Setúbal, a União de Freguesias de Setúbal, Junta de Freguesia de S. Sebastião, Arquivo Distrital de Setúbal, e associações culturais como a Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão e a Universidade Sénior de Setúbal.

Actualizar a informação, produzir conhecimento e divulgá-lo é sem dúvida a forma mais nobre de cuidarmos do nosso património, mas também uma via indispensável para a construção do desenvolvimento integrado da nossa Região.

**Rui Garcia**

(Presidente do Conselho Directivo da Associação  
de Municípios da Região de Setúbal)

# FICHA TÉCNICA

## Edição

Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS)  
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)  
Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS)

## Direcção

Rui Garcia (Presidente do Conselho Directivo da AMRS)

## Coordenação Editorial

Joaquina Soares

## Conselho Científico

António Nabais  
Carlos Marques da Silva  
Carlos Tavares da Silva  
João Luís Cardoso  
Mário Varela Gomes  
Victor S. Gonçalves  
Vitor Serrão

## Conselho Redatorial

Antónia Coelho-Soares  
Elsa Afonso  
Fátima Afonso  
Fernanda Pinho  
Fernanda do Vale  
João Ventura  
Luís Pequito  
Lurdes Lopes  
Maria Ana Judas  
Marisol Ferreira  
Michelle Santos  
Miguel Correia  
Sandra Coelho  
Susana Duarte  
Vitor Mestre

## Secretariado e correspondência

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal  
Avenida Luisa Todi, 162 2900-451 Setúbal (Portugal)  
Tel.: +351 265 239 265 / +351 939 553 004  
E-mail: maeds@amrs.pt  
Site: www.maeds.amrs.pt  
Blog: www.maedseventosactividades.blogspot.com  
Copyright - Direitos reservados pelos autores e MAEDS.  
Interdita a reprodução de imagens.

## Capa

“Natureza Morta” (garrafaria do séc. XVIII). Foto de Rosa Nunes.

## Execução gráfica

Ana Castela  
Paula Covas

## Impressão e acabamento

Tipografia Belgráfica

## Depósito Legal

450333/18

## ISSN

1645-0553

## Tiragem

300 exemplares  
Disponível online em: <http://maeds.amrs.pt/musa.html>

Setúbal, 2018

# EDITORIAL

## ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA. AINDA O LEITO COMUM?

O presente volume de *Musa: Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios* afasta-se formalmente, mas não na temática, do modelo até agora seguido. Nele se publicam as Actas do Encontro sobre *Arqueologia Urbana e História Local* de Homenagem ao Historiador e Arqueólogo João Carlos de Almeida Carvalho (1817-1897).

As actas celebram a memória de uma personalidade relevante, e renovam a aliança entre Arqueologia e História, assumindo, porém, o corte epistemológico com a tradicional subalternidade da primeira disciplina em relação à segunda. Ambos os domínios convivem agora em fraterna paridade.

Como é do conhecimento geral, a Arqueologia científica radicou as suas origens na Geologia, em Portugal no seio da Comissão Geológica, fundada em 1857 e muito particularmente nos trabalhos de Carlos Ribeiro, a quem se devem, na nossa região, a primeira carta geológica e as primeiras escavações na necrópole pré-histórica de hipogeus da Quinta do Anjo.

Carlos Ribeiro assumiu claramente estatura internacional ao liderar a reunião em Lisboa do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas em 1880.

Porém, sobretudo entre 1930 e o final da década de 1960, a Arqueologia viria a subordinar-se à História. Após a revolução democrática de 25 de Abril/74 e a institucionalização da Arqueologia como domínio autónomo, com licenciatura própria, este campo disciplinar criou alianças estratégicas com as chamadas arqueociências (ciências da natureza, física, química, genética)<sup>1</sup>.

Superada a etapa de estagnação historicista, a Arqueologia soube, sem complexos de menoridade, ombrear “fraternalmente” com a História no estudo das sociedades humanas e suas temporalidades. Ultrapassou mesmo a sua

dedicação aos períodos de sua “exclusiva” responsabilidade ou quase (Pré-história, Proto-história e Antiguidade Clássica), para se debruçar sobre as sociedades medievais, modernas e contemporâneas. E perante algum questionamento sobre o interesse da Arqueologia da contemporaneidade, há autores que defendem uma Arqueologia contemporânea de compromisso ético: *Archaeology has a new ethical commitment: to recover evidence of the existence of the victims not just for therapeutic and juridical reasons, but for historical reasons as well. We cannot return them to life, but we can reintegrate them to the time of history from which they were expelled*” (González-Ruibal, 2016, p. 19)<sup>2</sup>

Recorrendo ao conceito-chave, específico da Arqueologia, de *tempo dos materiais* e à ideia de *heterocronologia*<sup>3</sup>, indispensável à compreensão da sobremodernidade que habitamos, vão perdendo sentido as fronteiras impostas pelas rígidas comportas que pretendem separar a Arqueologia pré-histórica da histórica ou da contemporânea; o acento tónico coloca-se no pensamento e acção arqueologicamente informados, porque na realidade trabalhamos dentro de um tempo múltiplo, desafiando ou desconstruindo realidades sociais que nos antecederam, complexas e também elas multitemporais.

Semelhante reflexão tem ocorrido na História<sup>4</sup>; o alargamento das suas fontes e temáticas, através de caminhos tradicionalmente pouco pisados, como a imprensa periódica ou os relatos orais de experiências vividas, ficam bem expressos neste volume.

Finalmente, na sua diversidade, a presente publicação homenageia justamente um dos mais ecléticos criadores intelectuais setubalenses de oitocentos, João Carlos d'Almeida Carvalho, cujas obra e actividade cívica continuam, volvidos quase duzentos anos, a inspirar as concepções humanistas dos nossos dias.

**Joaquina Soares**

(Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal)

---

1 - Ver a propósito: Martín-Torres, M.; Killick, D. (2015) - Archaeological Theories and Archaeological Sciences. In A. Gardner; M. Lake; U. Sommer (eds.), *The Oxford Handbook of Archaeological Theory*.

2 - González-Ruibal, A. (2016) - Archaeology and the Time of Modernity. *Historical Archaeology* 50(3), p. 144-164.

3 - Leduc, J. (1999) - *Les historiens et le temps*. Paris: Seuil.

4 - Le Goff, J. (2014) - *Faut-il vraiment découper l'histoire en tranches?* Paris: Seuil.

# ÍNDICE

<b>Nota de Abertura</b>	<b>03</b>
Rui Garcia	
<b>Editorial</b>	<b>05</b>
Joaquina Soares	
<b>No II Centenário do Nascimento de João Carlos D’Almeida Carvalho (1817-1897)</b>	<b>08</b>
Horácio Pena	
<b>Arqueologia Urbana e História Local</b>	<b>16</b>
<b>Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Arronches Junqueiro, 32-34</b>	<b>17</b>
Carlos Tavares da Silva, Antónia Coelho-Soares, Susana Duarte	
<b>Cerâmicas de paredes finas de <i>Salacia Urbs Imperatoria</i>. Recolhas de prospeção arqueológica</b>	<b>39</b>
Eurico Sepúlveda, Catarina Bolila, Marisol Ferreira	
<b>Fortificação Medieval de Setúbal. Identificação do núcleo defensivo da Ribeira ou “Castelo”</b>	<b>51</b>
Joaquina Soares, Teresa Rita Pereira, Susana Duarte, Carlos Mouro	
<b>Arqueologia urbana e o sismo de 1755. O contexto da Av. Luísa Todi, 170-178, Setúbal</b>	<b>79</b>
Joaquina Soares, Susana Duarte, Carlos Tavares da Silva	
<b>Silos de Francos e Portugueses em Vila Verde dos Francos – Alenquer</b>	<b>101</b>
Guilherme Cardoso, Luísa Batalha	

<p>O mundo numa casa. As importações no Espaço Cidadão (Palmela) João Nunes, Eduardo Porfírio, Michelle Teixeira Santos</p>	<p><b>115</b></p>	<p>Atentado a Almeida Carvalho. (31 de agosto de 1855) Albérico Afonso, Carlos Mouro</p>	<p><b>199</b></p>
<p>O “Tombo da Câmara de Palmela” (séculos XIV-XIX). Da arqueologia dos documentos à arqueologia a partir dos documentos - um contributo de João Carlos de Almeida Carvalho João Costa</p>	<p><b>129</b></p>	<p>Fran Paxeco em Sesimbra João Augusto Aldeia</p>	<p><b>213</b></p>
<p>Do cerimonial religioso ao aparato régio: o contributo de Almeida Carvalho para o estudo das celebrações em Setúbal na Época Moderna Maria João Pereira Coutinho</p>	<p><b>141</b></p>	<p>A indústria de conservas de peixe em Setúbal durante a Grande Guerra (1914-1918): necessidades externas e ilusões transitórias Diogo Ferreira</p>	<p><b>219</b></p>
<p>A Roda dos Enjeitados Rogério Palma Rodrigues</p>	<p><b>151</b></p>	<p>Notas sobre a indústria de curtumes setubalense Carlos Mouro</p>	<p><b>233</b></p>
<p>Referências literárias em acontecimentos, lendas e tradições da região setubalense, de João Carlos de Almeida Carvalho Fátima Ribeiro de Medeiros</p>	<p><b>163</b></p>	<p>Antigas Quintas de Setúbal – Espaços Físicos e Sociais Pedro Fernandes</p>	<p><b>245</b></p>
<p>Estado liberal e poder municipal: Almeida Carvalho e a reforma político-administrativa de 1855 Ernesto Castro Leal</p>	<p><b>179</b></p>	<p>A Importância da Memória Viva no Estudo da História Local. Uma Proposta para a sua Preservação Pedro Fernandes</p>	<p><b>253</b></p>
<p>O feriado municipal e a memória colectiva setubalense Carlos Mouro, Horácio Pena</p>	<p><b>187</b></p>	<p>Centenários Bocagianos, momentos de homenagem a um poeta singular (sécs. XIX-XX) António Chitas</p>	<p><b>261</b></p>
		<p>“Hoje ninguém trabalha!” – Resistência operária no concelho do Seixal em 1943 Fátima Afonso, Fernanda Ferreira</p>	<p><b>271</b></p>

# Centenários Bocagianos, momentos de homenagem a um poeta singular (Sécs. XIX-XX)

Bocage centennial celebrations, moments of homage to a singular poet (19<sup>th</sup> - 20<sup>th</sup> centuries)

António Chitas\*

## RESUMO

O objectivo deste trabalho é contribuir para uma reflexão sobre a importância dos centenários bocagianos (sécs. XIX-XX) enquanto momentos de afirmação e divulgação dos ideais que enformam as modernas sociedades democráticas. Aproveitados por republicanos e outras forças político-partidárias de cariz democratizante, Bocage, o poeta inconformado, torna-se um símbolo da luta pela Liberdade e um mentor de todos aqueles que combatem a intolerância, as desigualdades e as injustiças, independentemente da época e do contexto sócio-político em que ocorram.

**Palavras-chave:** Bocage; centenário; inconformismo; liberdade.

## ABSTRACT

This study aims to be a contribution on the issue of the Bocage centennial celebrations (19<sup>th</sup> - 20<sup>th</sup> centuries) as moments of affirmation and dissemination of the ideals that shape the modern democratic societies. Valued by republicans and other democratizing party-political forces, Bocage, the nonconformist poet, becomes a symbol of the struggle for freedom and a mentor to all those who fight against intolerance, inequality and injustice, regardless of time and the socio-political context in which they occur.

**Keywords:** Bocage; centennial; nonconformism; freedom.

## 1 – CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

Cultivar a memória, impedindo que a erosão provocada pelo tempo faça cair no esquecimento factos e/ou personalidades estruturantes da nossa história colectiva, mais do que um dever é uma missão cívica.

Assim sendo – e ainda no rescaldo das comemorações dos 250 anos do nascimento de Bocage –, cumpre-nos reflectir sobre a vida e a obra de um homem ímpar a quem ainda não se fez justiça, continuando aos olhos de muitos a ser apenas alguém que

se comportava como um marginal, vivendo de expedientes e frequentador assíduo de cafés, botequins e prostíbulos. Embora se lhe reconheça algum talento poético, sobretudo como improvisador e repentista, é a ideia do criador de anedotas brejeiras e do homem de costumes dissolutos que ainda prevalece em largos sectores da população. Quase ignorado nos programas do ensino oficial (Bocage pode ser estudado apenas, superficialmente, no programa de Português do 8º ano

---

\* - Professor e investigador de temas de história local.



de escolaridade) é missão de quem desenha e concebe os *curricula* escolares, de reputados investigadores e, entre outras, de entidades culturais setubalenses como o Centro de Estudos Bocageanos e a Casa Bocage promover uma ampla divulgação da obra do Poeta que combata alguns estereótipos que teimosamente persistem em não desaparecer (Chitas, 2008).

Falar sobre os centenários de Bocage é reviver momentos únicos da história de Setúbal e, ao mesmo tempo, contribuir para desmistificar e desconstruir uma imagem negativa e injusta que se colou a um poeta, considerado pelos seus estudiosos como um dos maiores vultos da cultura portuguesa dos finais do *Antigo Regime*.

O poeta brasileiro Olavo Bilac (1865-1918), grande estudioso e divulgador da obra de Bocage, diria sobre ele o seguinte:

*Em Portugal, a arte de fazer versos chegou ao apogeu com Bocage, e depois dele decaiu. Da sua geração, e das que a precederam, foi ele o máximo cinzelador da métrica. [...] Depois dele, Portugal teve talvez poetas mais fortes, de surto mais alto, de mais fecunda imaginação. Mas nenhum o excedeu, nem o igualou no brilho da expressão.* (Bilac, 2001)

## 2 – CONTEXTUALIZAÇÃO

As comemorações dos centenários de personalidades ou factos relevantes da história nacional são, nos finais do século XIX/inícios do século XX, eventos culturais geralmente utilizados e explorados com propósitos político-ideológicos (Braga, 1884; Luz, 2010; Leal, 2013). Pensemos, a título de exemplo, no aproveitamento político feito pelos republicanos portugueses dos centenários de Camões (1880), do marquês de Pombal (1882), da Revolução Francesa (1889), do Infante D. Henrique (1894), do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia (1898) e de...Bocage (1905). Embora uns mais do que outros, todos eles representaram momentos de afirmação e difusão do ideário republicano, permitindo às suas elites cavalgar a onda do descontentamento popular, sobretudo na sequência do humilhante Ultimato Inglês (1890).

## 3 – COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE BOCAGE, EM SETÚBAL (1865)

As comemorações do centenário do nascimento de Bocage decorrem em ambiente festivo, embora ainda pairasse no ar o espectro do fatídico terramoto de 1858, cujas marcas eram ainda visíveis na malha urbana.

Elevado à categoria de cidade em 19 de Abril de 1860, o burgo setubalense, que contava à época com cerca de 13 134 habitantes (1º recenseamento geral – 1864), vivia no rescaldo das grandes festividades que se realizaram nesse ano, que incluíram a visita do rei D. Pedro V (2 de Novembro), mas também da chegada do caminho-de-ferro (1861) e da inauguração da iluminação a gás (1863), importantes melhoramentos materiais.

No dia 10 de Abril de 1864 – e já no âmbito das comemorações bocagianas que se aproximavam –, por iniciativa de Manuel Maria Portela, que promoveu uma subscrição pública, coloca-se «[...] *uma lápide na casa onde [segundo a tradição] nasceu Bocage, na actual Rua Edmond Bartissol. Foi a primeira homenagem pública à memória do poeta, de entre as prestadas àquele, na terra natal*» (Costa, 2011).

Em Novembro de 1865, por deliberação da Câmara Municipal de Setúbal, a antiga Praça do Sapal, centro político-administrativo da cidade, passa a denominar-se Praça de Bocage (Costa, 2011).

Todavia, o momento mais significativo das comemorações bocagianas só aconteceria seis anos depois (21 de Dezembro de 1871), aquando da inauguração do monumento ao Poeta na praça que agora ostentava o seu nome<sup>2</sup>. Para descrever o ambiente vivido na época e as festas realizadas, demos a palavra ao escritor Alberto Pimentel, contemporâneo da inauguração daquele que é considerado o monumento mais icónico de Setúbal:

*As mais pomposas festas publicas que modernamente se tem celebrado em Setubal foram certamente aquellas com que se solemnizou a inauguração do monumento dedicado ao immortal poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage, que nasceu n'esta cidade, então villa, no dia 15 de setembro de 1765.*

O merito poetico e litterario de Manuel Maria Barbosa du Bocage, cujas obras serão em todos os tempos motivo de admiração dos entendedores pelo primor da linguagem, correcção e harmonia metrica e elevação dos pensamentos, impunha aos setubalenses, e a todos os portuguezes em geral, a obrigação de prestarem por modo perduravel a homenagem que lhe era devida.

[...] Na terra que foi berço de Elmano renascia a lembrança do filho que lhe dera mais subido renome, e começava, pode assim dizer-se, a respeitá-lo como uma gloria nacional a parte menos esclarecida dos seus conterraneos.

[...] No dia 21 de dezembro do mesmo anno de 1871 se fez a inauguração do monumento [...].

[...] Em frente do monumento erguia-se um vistoso pavilhão, onde estava um magnifico bufete, e sobre elle uma escrevaninha de prata e a penna de oiro, pertencente ao visconde de Castilho, que havia servido para assignar o auto da inauguração do monumento a Camões, e que lhe havia sido offerecida pelos portuguezes residentes no Rio de Janeiro [...].

[...] Na praça tocavam as phylarmonicas «Firmesa», «Capricho» e «Timbre dos Artistas», e a banda marcial de infantaria n.º 7.

[...] Na varanda dos paços do concelho, ornada com grandes vasos de flores, assim como a sua escadaria, que além d'isso estava coberta de tapetes, via-se arvorada a bandeira nacional entre galhardetes das mesmas côres das que embellezavam a praça. As janelas dos predios convizinhos, repletas de damas com seus trages de gala, ostentavam cortinados e colchas de damasco, e algumas estavam ornadas com bandeiras.

[...] Depois de desvelada a estatua, e dadas todas as demonstrações de regosijo que ficam referidas, foram distribuidos muitos exemplares de um soneto do visconde de Castilho e de um poemeto do sr. Manuel Maria Portella, allusivos á solemnidade.

Em seguida dirigiu-se o cortejo aos paços da [sic] concelho e ali foi assignado o auto da inauguração [...]; servindo-se a todas as pessoas presentes uma abundantissima e confortavel refeição composta de escolhidas iguarias, na sala principal, que para esse effeito havia sido esplendidamente ornamentada.

Á noite houve recita de gala no theatro Bocage, a que assistiu a camara municipal, começando o espectáculo pela recitação de uma poesia em honra do poeta.

A fachada dos paços do concelho e a praça onde está erigido o monumento foram á noite illuminadas a gaz. Estavam tambem illuminadas muitas janellas de diversos predios, distinguindo-se o da typographia da Gazeta Setubalense que apresentava uma lyra cercada de diversos ornatos.

Na mesma noite se queimou um lindo fogo de vistas, e tocaram pela cidade diversas phylarmonicas, terminando assim as festas da inauguração do monumento a Bocage,

as quaes, comquanto fossem muito esplendidas, não o foram tanto quanto seriam, se a chuva não houvesse sido torrencial e continuada.

No dia 24 do mesmo mez e anno, pela uma hora da tarde, se fez solemnemente, na sala grande dos paços do concelho, a exposição do retrato de Bocage, copia a oleo, em tamanho natural, de outro retrato tirado do original por Henrique José da Silva, e achado no Rio de Janeiro. A esta cerimonia assistiram a camara municipal, comissão do monumento, de Setubal, vice-consul do Brazil e muitas pessoas de distincção, fazendo o presidente da camara uma allocução, finda a qual foi por elle desvelado o retrato, e em seguida se leu o respectivo auto [...].

[...] Um dos parentes do poeta, Joaquim José Barboza du Bocage, agradeceu por parte da familia a que pertence as homenagens prestadas ao seu glorioso antecessor, em honra do qual foi lido por outro parente do poeta, José Vicente du Bocage Lima, um poema composto pelo sr. Manoel Maria Portella; o escrivão da municipalidade, José Antonio Pinto, leu um soneto do visconde de Castilho, producções, que, como fica referido, foram distribuidas, impressas, no acto da inauguração da estatua.

A sala [salão nobre dos paços do concelho], visto-samente adornada, esteve exposta ao publico, e ahi foi servido um copo d'agua ás pessoas presentes áquelle acto. A fachada dos paços do concelho e a praça de Bocage, onde tocou a phylarmonica – Firmeza – e se queimou um bello fogo de côres, estavam illuminadas a gaz, bem como o interior do edificio. Nas janellas dos predios que circum-dam a praça havia luminarias.

Na sala em que o retrato fôra inaugurado leu, á noite, o padre Caetano de Moura Palha Salgado uma composição poetica em honra de Bocage, e assim concluíram as festas celebradas em honra do eximio poeta setubalense, para o maximo esplendor das quaes contribuiu muito a camara municipal de que era presidente [...] o dr. Antonio Rodrigues Manitto (Pimentel, 1877).

#### 4 – COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA MORTE DE BOCAGE, EM SETÚBAL (1905)

Em 1905, Setúbal assistia a uma rápida e grande expansão da indústria conserveira. Segundo a *Ilustração Portuguesa* de 18 de Dezembro desse ano, «[...] a cidade é notavel porque a industria da pesca a tem tornado realmente um grande centro e as fabricas de conservas ali estabelecidas em grande numero teem-na desenvolvido extraordinariamente. [...]»<sup>3</sup>.

Elite republicana, activistas do movimento anarquista, representantes de vários grupos sócio-profissionais, movimento sindical e outras forças vivas da sociedade

setubalense da época vão aproveitar este centenário bocagiano e transformá-lo numa bandeira e num momento de luta contra um regime político agonizante. Convém não esquecer que logo no início da ditadura franquista (Maio de 1907), alguns sectores do operariado setubalense, à semelhança do que acontecera no Porto e na Covilhã, entram em greve, lutando pela defesa e salvaguarda de direitos e liberdades fundamentais (Graça, 1995).

Setúbal assumia-se, então, como um baluarte de resistência anti-monárquica, situação a que não seria estranha a sua escolha, em 1909, para a realização do X Congresso do Partido Republicano, de onde sairia triunfante a tese da tomada do poder político por via revolucionária (Costa, 2009).

Bocage, o defensor dos direitos e liberdades, o homem que verberara o despotismo régio, a intolerância e o obscurantismo religioso que impregnavam a sociedade portuguesa, torna-se um símbolo de resistência e um mentor revolucionário. É a esta luz que temos de fazer a leitura das comemorações bocagianas de 1905 e da participação nelas de destacadas personalidades afectas ao republicanismo, não esquecendo, todavia, o movimento anarquista, com forte implantação junto do operariado setubalense (Arranja, 2003).

A provar o que atrás afirmamos, veja-se a prestigiada revista *O Ocidente*, de 30 de Dezembro de 1905, que, a propósito das referidas comemorações, traz um excelente artigo de fundo, que ocupa as duas primeiras páginas, escrito pelo conceituado bocagiano e ilustre republicano Teófilo Braga (Braga, 1905).

Em Setúbal, a imprensa periódica associa-se entusiasmamente ao evento, podendo citar-se como exemplos *O Elmano*, próximo dos republicanos, e o recém-criado *Germinal* (1903), semanário de tendência anarco-sindicalista, que se define como “defensor dos oprimidos”. Deste periódico, não poderíamos deixar de reproduzir, pela sua sensibilidade e acutilância, dois pequenos textos escritos por duas conhecidas personalidades da época: o livre-pensador Augusto José Vieira e o reputado pintor João Eloy do Amaral.

Demos a palavra ao primeiro:

*Eterno revoltado e por isso eterno perseguido, espírito superior que como tal não podia sujeitar-se a ficções d'uma sociedade ignorante que o não sabia compreender nem apreciar, eis o que foi o poeta eminente que ora festeja a cidade que lhe foi berço, a formosa rainha do Sado.*

*Mercidas são todas as homenagens que á sua memória gloriosa se prestem.*

*Mas que as prestem só os que amam a liberdade como elle a amou, e de forma alguma os que, se elle vivesse hoje, seriam capazes de atirar com elle para as inhospitas plagas da Africa ou da Oceania, como inimigo da sociedade e perturbador de digestões laboriosas...*

*Que honre, pois, a memoria de Bocage o povo a que elle pertencia, o povo com quem elle viveu, o povo para quem elle escreveu. O povo que é sincero, que hoje faz justiça á sua memoria, como hontem a teria tambem feito ao inspirado vate.*

*E mais ninguem. (Vieira, 1905)*

Eloy do Amaral, em consonância com o articulista anterior, fazia referência ao seguinte:

*Da triade brilhante de poetas genuinamente portugueses, Camões, Bocage e Garrett, o segundo foi, sem duvida, aquelle que conseguiu maior popularidade e melhor soube interpretar o sentir da multidão coeva, as suas aspirações, então abafadas pelo obscurantismo religioso e pelo cesarismo intolerante de Manique.*

*Bocage é por assim dizer o representante do espirito nacional do seculo XVIII e manifesta-o bem eloquentemente em varios sonetos onde não pode soffrear por completo os fremitos de liberdade que o saccudiam de quando em quando, abafar o grito de revolta que desejava soltar contra o despotismo dominante.*

[...] *O vate sadino foi genial e grande em todas as phases da sua tormentosa vida litteraria, e se o não foi mais na revolucionaria, se não conseguiu dar mais expansibilidade aos seus ideaes de liberdade e justiça, se não satyrisou como desejaria a hypocrisia e o chato convencionalismo do tempo, foi por que lhò não consentiu o meio asphyxiante em que viveu, a espionagem discrecional do intendente Pina Manique, que apesar de tudo reconheceu possuir o poeta 'distinctos talentos'. [...]* (Amaral, 1905)

Ana de Castro Osório e Paulino de Oliveira, notáveis republicanos setubalenses, neste esforço de comemorar condignamente o centenário da morte do Poeta e de retirar dividendos políticos do evento, promovem a edição de um jornal comemorativo (Osório & Oliveira, 1905). Participam nesta publicação, ou nela são citados,

para além dos seus promotores, um leque de destacadas personalidades, todas elas ligadas ou conotadas com o partido republicano.

Logo na abertura (p. 1-3), Ana de Castro Osório, num artigo inspirado, estabelece um paralelo entre a época em que viveu Bocage e o ano de 1905, com o claro intuito de despertar as consciências para a necessidade de reformas estruturais urgentes num país que permanecia pouco desenvolvido e resistente à mudança. Percebe-se assim, claramente, que o centenário bocagiano é aproveitado como mais uma oportunidade para fazer passar uma mensagem política com destinatário facilmente identificável.

Sobre o programa das comemorações então realizadas, *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro* – num artigo intitulado “As Festas do Centenário de Bocage em Setúbal” – descreve-as pormenorizadamente:

*O dia 21 de dezembro amanheceu radiante de sol e de alegria ao estrealjar das girandolas de foguetes e ao som das musicas, que percorriam as ruas da cidade, tocando o hymno da Carta e o dedicado a Bocage, animando-se toda a população de Setubal.*

*Fez parte do programma das festas, as conferencias feitas no theatro D. Amelia, acerca do poeta, pelos srs. drs. Manuel d'Arriaga, Zeferino Candido, Theophilo Braga e o jornalista sr. Carlos de Mello.*

*Esta parte do programma foi, por ventura, a de melhor lição, por fazer toda a luz sobre a vida e valor do poeta, tão mal apreciado pelos seus contemporaneos, como mal julgado pelas gerações que lhe succederam.*

*Outro numero do programma foi o cortejo cívico, em que se incorporaram, a Camara Municipal e auctoridades civis e militares, as principaes associações da cidade e a Academia de Setubal, levando estas corporações os seus estandartes; varias philarmonicas e sol-e-dós populares e lindos carros alegoricos, dos maritimos, dos soldados, dos industriaes fabricantes de conservas, dos empregados do commercio, dos bombeiros voluntarios e o da commissão dos festejos.*

*O cortejo, que sahiu do largo de Jesus levando á sua frente um esquadrão de cavallaria 5, percorreu a rua Direita, largo da Fonte Nova, rua da Cruz, largo da Annunciada, Avenida Todí, praça do Cabedo, ruas do Rei, S. Domingos, ladeira de S. Sebastião, ruas de S. Sebastião, Misericordia, Serpa Pinto até á Praça de Bocage.*

*O cortejo foi formado em volta da praça lançando as creanças, que iam no carro dos soldados, flores sobre o monumento, ao mesmo tempo que a multidão*

*soltava entusiasticos vivas e dava palmas, subindo ao ar n'essa occasião innumerous foguetes e salva de morteiros, enquanto as creanças das escolas, que compunham o Orpheon, n'uma tribuna armada em frente da igreja de S. Julião, entoavam o hymno Preito a Bocage, acompanhado pela banda de infantaria 11.*

*Surprehendente espectáculo apresentava então a praça de Bocage, vistosamente decorada de festões de flores, bandeiras e galhadertes pendentes de elevados mastros, tudo em plena festa, em que não faltava a alegria em todos os rostos, o jubilo do povo glorificando o seu poeta.*

*No monumento fôra collocada pela Camara Municipal, uma lyra de bronze a qual estava coberta pelas bandeiras portugueza e brazileira.*

*Para a descerrar convidou o sr. José Joaquim Fragoso, presidente da Camara, o sr. Dr. Theophilo Braga.*

*Neste acto o eminente sabio e homem de letras pronunciou a breve allocução que se segue:*

*«Senhores! Ao desvendar a Lyra consagrada pela Municipalidade de Setubal ao Poeta que tanto dignifica a nossa patria e a nossa Nacionalidade, mesmo o Genio da raça portugueza, cumpre-me dar relevo ao intuito d'esta homenagem social.*

*«A Lyra de bronze é um symbolo que exprime a concórdia das almas: assim o manifestou a Antiguidade no bello mytho da Lyra de Orpheo, que domava as feras, serenava as tempestades e congregava os homens para erigirem cidades.*

*«A Lyra ideal do Poeta é a que vibra com estas quatro cordas: a emoção pessoal, o sentimento da Familia, a autonomia da Patria e aspiração da Humanidade.*

*«Na Lyra de Bocage pulsavam então quatro cordas, que o fizeram o Genio primacial que todos admiram e que um seculo divinisa. Gloria ao municipio de Setubal, comprehendendo a sua missão de sociabilidade».*

*Seguiu-se o descerramento de uma corôa de bronze collocada no monumento pelo Club Tiro-Tauro.*

*A convite do sr. Rosa Albino presidente do Club, foi tambem o sr. Dr. Theophilo Braga que descerrou a corôa, proferindo as seguintes palavras:*

*«Descobrimo a corôa de bronze que o Club Tiro-Tauro votou a Bocage, vindo depô-la no socco do pedestal da estatua de Bocage, fica d'esta hora em diante exposta á luz de um seculo que começa mostrando que o espirito social de Setubal soube achar uma expressão tão sympathica para glorificarmos o poeta, patentear a comprehensão devida no ideal humano».*

*A estes actos devia seguir-se uma sessão solemne na sala dos Paços do Concelho a qual foi transferida para o dia immediato por motivo do seguinte telegramma, expedido pelo governo ao digno presidente da Camara e da Commissão dos festejos, sr. Joaquim José Fragoso.*

*Ex.mo sr. presidente da commissão dos festejos em honra de Bocage – Setubal*

*Communico a v. ex.ª que Sua Alteza o Principe Regente*

e o governo, não se fazem representar no dia de hoje nos festejos, realizados n'essa cidade em honra de Bocage.

*Desejando sua alteza o príncipe regente e o governo, dar um testemunho da sua consideração por essa cidade e pela memória de Bocage, resolveu fazer-se representar Sua Alteza o Príncipe Regente, pelo sr. Charters de Azevedo e o governo pelo sr. ministro do reino e da marinha, nas festas do dia de amanhã, não se podendo fazer tal representação nas festas de hoje por motivo de regresso de Suas Magestades.*

*o conselheiro director geral de instrução publica Abel de Andrade<sup>4</sup>*

*Essa sessão solemne foi imponente, não só por que a ella concorreram as pessoas mais importantes de Setubal, em que se contava o elemento official, mas ainda pelo brilhante discurso que fez o sr. Dr. Theophilo Braga, convidado pelo sr. presidente da camara a presidir á sessão, e que foi uma verdadeira apothose de Bocage.*

*Á noite houve recita de gala no theatro D. Amelia, a que assistiu o sr. tenente coronel Charters d'Azevedo representando S. A. o Príncipe Regente D. Luiz Filippe, e os srs. ministros do reino e da marinha como representantes do governo.*

*Com este numero do programma terminaram as festas do centenario de Bocage, festas altamente significativas pela expressão popular que tiveram, o que importa mais um passo dado na civilização de um povo.*

*Não terminaremos esta breve noticia sem registar que a principal iniciativa d'esta honrosa commemoração partiu do Club Tiro-Tauro, iniciativa apoiada pela Camara Municipal e que, felizmente, tão bello resultado alcançou.*

(O Ocidente, 1905)

## 5 – COMEMORAÇÕES DOS 150 ANOS DO NASCIMENTO DE BOCAGE, EM SETÚBAL (1915)

As festividades dos 150 anos do nascimento de Bocage, ocorridas já na 1.<sup>a</sup> República, foram uma oportunidade para a aplicação do projecto positivista dos políticos republicanos, que previa a substituição do culto a Deus e aos santos pelo culto às grandes personalidades cívicas, referências éticas e morais. As grandes comemorações do tricentenário de Camões (1880) podem ser vistas como um balão de ensaio para o processo de laicização da sociedade, pela qual os republicanos lutavam.

Figuras como Bocage assumiam o papel de “santos laicos”, destinados a enformar e modelar o “homem novo”, detentor dos valores e virtudes desejados pelo regime republicano, ou seja, um cidadão mais centrado

na natureza e afastado da religião.

Personalidades relevantes da República como Teófilo Braga, que já tinha presidido às comemorações do centenário da morte de Bocage (1905), em Setúbal, acreditavam que os centenários poderiam transformar-se em grandes festas cívicas, susceptíveis de serem utilizados para a educação cívica, política e até artística das massas populares, durante séculos reféns da Igreja e do fanatismo religioso.

O poeta Bocage, transformado em ícone republicano, à semelhança do que acontecera com outras figuras notáveis da história nacional, foi recuperado do esquecimento que sobre ele se abatera e, sobretudo, a sua vida e obra passaram a ser lidas a outra luz: a de um homem que combatera com todas as suas forças e génio literário o despotismo régio, a intolerância e o fanatismo.

Um periódico setubalense desta época afirmava no seu editorial o seguinte:

*Passa agora o 150.º aniversario do nascimento do immortal poeta setubalense Manuel Maria de Barbosa du Bocage, conhecido na Arcadia por Elmano Sadino. Muita gente ha ainda que ignora quem foi o génio que mais brilhou no seculo XVIII; por isso torna-se mais que uma obrigação, um dever, de todos os portugueses e nomeadamente de todos os setubalenses fazerem bastante luz á mocidade que representamos, e ao povo ignorante que defendemos, sobre a Vida e Obra do inimitavel cantor de Ignez de Leandro e Hero.*

*E é d'essa espinhosa e talvez infrutifera missão, que “A VOZ DA MOCIDADE” tenta desempenhar-se, o que é além de uma modestissima homenagem á memoria de Elmano Sadino, o sagrado cumprimento d'um solene dever: levantar do abismo do esquecimento em que ha 110 anos tem jazido, a Obra immortal d'esse inolvidavel filho de Setubal que um réles quilate de ingratos tão estupidamente lançou na vala dos esquecidos.*

*Levantemos a sua Obra, e depois teremos os nossos espíritos mais tranquilos pelo cumprimento inadiavel d'um sagrado dever!... (Godinho, 1915a)*

No mesmo periódico, num artigo intitulado “Duas palavras sobre Bocage”, tentava-se a reabilitação do poeta, num esforço de fazer justiça a um dos maiores vultos da literatura portuguesa do século XVIII:

*Passa hoje o aniversario do nascimento do maior poeta portuguez do seculo XVIII, Manuel Maria Barbosa du Bocage.*

*Pois bem. Impunha-se, como se impõe um dever, lembrar essa data a todos os portugueses, não [para que o povo celebre o aniversário d'um Bocage] satyrico e pornografico, [mas] para [...] ensinar a seus filhos, que aquele homem que se chamou Manoel Maria Barbosa du Bocage foi o maior génio do século XVIII, a personificação da Desgraça e da Dôr. “A Voz da Mocidade” dedicando, pela pena de alguns dos seus colaboradores, o presente numero a Bocage, cumpre um dever.*

*[...] É preciso, ó filhos da minha terra, dizer para que todos o saibam, que em Setubal ainda existem homens que não esquecem Bocage, aquele Bocage para quem o povo olha com desdem porque foi (diz ele) um chocarreiro, um truão, um bebado...*

*Para o povo a reabilitação de Bocage é uma coisa sem importancia alguma, mas para os homens de letras, para os intellectuaes a quem está destinado o papel de educadores do povo, para esses tem muito valor. [...] (Costa, 1915)*

O “Programa das Grandes Festas da Cidade” decorreu ao longo de quatro dias, de 12 a 15 de Setembro, e contou com muitas e diversificadas actividades:

*Domingo, 12 – Às 6 horas da manhã, estrondosas salvas de Morteiros, que anunciarão o inicio das grandiosas festas.*

*Às 9 e meia, recepção na gare do caminho de ferro ás filarmónicas de fóra que vêem concorrer ao «certâmen» e abrilhantar as festas.*

*Às 12 horas, «Certamen Musical» na elegante praça de touros Carlos Relvas, seguido de uma magnífica tourada, com todos os nossos melhores elementos, tomando parte o simpático amador Jaime Cadete.*

*Às 13 horas, inauguração da exposição na Associação Comercial e Industrial, de Artes, Comercio, Industria e Agricultura. N'este dia o magnífico vapor «Frontão» fará diversas carreiras entre Cezimbra e Setubal a preços muito baratos.*

*Às 20 horas, grande arraial, Kermesse e Tombola, queimando-se fogo deslumbrante de dois dos melhores pirotechnicos do norte do paiz. N'este dia realizar-se-hão passeios á histórica fortaleza do Outão, onde está instalado o melhor sanatorio do nosso paiz, e á grande fabrica de cimento de Portugal, cujas instalações são propriedade da mesma companhia.*

*Segunda-feira, 13 – Às 12 horas haverá simulacro d'incendio pelos Bombeiros Municipaes no antigo hospital da Misericordia, na Avenida Todi, dirigido pelo habil comandante sr. Viriato do Carmo.*

*Às 14 horas, inauguração da Exposição de Trabalhos Manuaes na Escola Oficina na Rua de Antão Girão, a qual é dirigida pela dignissima professora, sr.<sup>a</sup> D. Emilia Rosa Ribeiro.*

*Às 16 horas, grande surpresa aos srs. Forasteiros.*

*Às 21 horas, serenata no rio Sado, abrilhantada por*

*bandas de musica e sol-i-dós setubalenses, fazendo-se representar em grande numero com diversos barcos enfeitados as companhias das sociedades dos Cercos Americanos. Queimam-se por esta ocasião fogos surpreendentes.*

*Grandes passeios á serra d'Arrabida.*

*Terça-feira, 14 – Às 11 horas, estará patente ao publico o Asylo Bocage<sup>5</sup>, onde se encontra uma magnífica coleção de quadros para serem vendidos, do falecido pintor setubalense Francisco Augusto Flamengo.*

*Às 12 horas, exposição d'alguns pequenos trabalhos, no edificio da Beneficencia Escolar de Setubal, executados pelos pequeninos frequentadores d'aquello estabelecimento, na Rua Serpa Pinto, n.º 97.*

*Às 13 horas, organizar-se-ha uma grande regata no encantador Rio Sado, na qual toma parte o Club Naval de Lisboa e alguns barcos pertencentes ás companhias das sociedades dos Cercos Americanos d'esta cidade, havendo diversos premios para os vencedores, alguns dos quaes constam de objectos d'arte, e umas surpresas para os barcos á vela. Haverá diversos exercicios de natação por um distincto professor de Lisboa, que se deitará á agua vestido e calçado.*

*Às 20 horas, continuação do arraial, Kermesse, tombola e fogos aereos de grande efeito, abrilhantado por excelentes bandas de musica de fóra do concelho.*

*Terá tambem logar no teatro Avenida<sup>6</sup>, uma récita de gala pelo Grupo Dramatico da «Academia Sinfonica de Setubal», na qual toma parte o antigo amador de Setubal o ex.mo sr. Julio Sant'anna e o Orfeon mixto da mesma academia, sobre a regencia do distincto amador ex. mo sr. dr. Henrique da Rocha Pinto.*

*Quarta-feira, 15 – Aniversario do glorioso Vate Setubalense. – Às 7 horas, grande alvorada junto á esttua de Bocage.*

*Às 12 horas, sessão solene na Camara Municipal, para distribuição do premio «Bocage» e exposição de trabalhos na escola Gil Vicente.*

*Às 13 horas, distribuição d'um bodo aos pobres, oferecido pela junta de parochia da freguezia de S. Julião.*

*Às 15 horas, conferencia no Asilo Bocage e jantar aos asilados.*

*Às 17 horas, exercicios pelos briosos Bombeiros Voluntarios na Avenida Todi.*

*Realisar-se-hão diversos passeios fluviaes pelo Rio Sado. (Godinho, 1915b)*

Todavia, para alguns mais atentos, as festividades não passaram de mero *show-off*, descurando a questão verdadeiramente substantiva: a divulgação da obra literária de Bocage, condição indispensável para que se inverta a imagem deturpada que o “*povo rude*” tem daquele que foi um dos maiores poetas portugueses.

Num artigo intitulado “Um génio do século XVIII”, Leopoldo Moita denunciava de forma veemente esta

situação, responsabilizando pelo facto a comissão organizadora das comemorações:

*A cidade festiva veste bizarramente galas; as bandeiras vêrdes rubras sintetizando o simbolo da Patria, flutuam ondulantemente pelas ornadas ruas do burgo; meia duzia de filarmonicas desafinadas impingem arrepiadamente ao publico embasbacado os seus nada escrupulosos reportorios aldeães, e os jornaes tripeiros da cidade inconscientemente engalanada, dedicam as suas colunas á memoria do inolvidavel vate setubalense Manuel Maria de Barbosa du Bocage fazendo ressuscitar um pouco a Obra do insigne autor de Leandro e Hero.*

*[...] Como se compreende que sendo Manuel Maria um dos maiores paladinos da Literatura portugueza, comemorando-se o aniversario do seu nascimento, que a digna comissão elaboradora do pograma [sic], não fizesse nêle a minima alusão á Obra literaria d'aquela que, embora arrebatado impiedosamente na tragica manhã de 21 de dezembro de 1805 pela funesta Parca ainda vive hoje com todas as remeniscencias na alma do povo culto – sintetizando assim o pensar dos seus inumeros e conscienciosos admiradores?!*

*Por mais cogitações em que me envolva e raciocinios que suscite, infrutiferamente encontro critério a que obedeça essa lamentavel falta da comissão, a não ser que esses senhores optassem antes pelo lado meramente mercantil, a que Faustino da Fonseca chamou um dia «critério de mercieiro».*

*[...] Não é, meus senhores, com musicas nas ruas, iluminações nas praças e passeios no rio que se presta homenagem á memoria de um dos primeiros génios do seculo XVIII; é ensinando ás gerações futuras quem foi o primeiro repentista portuguez [...] é ensinando ao povo rude quem foi esse imortal filho de Setubal, esse povo, a arraia miúda como alguém lhe chamou, que só o conhece pelo lado pornografico e pelas anedotas que sordidamente lhe atribuem. [...] (Moita, 1915)*

Na mesma linha de pensamento, Braz Sereno, em carta enviada ao director do jornal faz o seguinte desabafo:

*[...] Pois calcule, você, que um numero que poderiam incluir no programa, que embora não fosse de enorme sensação, pelo menos agradaria a uma pequena parte do nosso publico, nem n'isso pensaram: – um sarau literario, para o qual deveriam convidar um dos nossos homens de letras, que n'uma pequena conferencia dissertaria sobre a vida do poeta.*

*Poderiam tambem, ainda que com algum custo, fazer uns jogos floraes<sup>7</sup>, pois temos aqui, rapazes d'algum valor que concorreriam certamente a eles.*

*Mas não. Estes numeros são os mais esquecidos.[...] (Sereno, 1915)*

## 6 – COMEMORAÇÕES DO BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE BOCAGE, EM SETÚBAL (1965)

No ano em que se assinala o bicentenário do nascimento de Bocage, Portugal era ainda um país amordaçado, sujeito a um regime político decrépito e anacrónico.

A Guerra Colonial (1961-1974) assumia proporções assustadoras pelos seus elevados custos políticos, materiais e humanos, não havendo esperança numa solução política.

Logo no início do ano de 1965, são presos pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE) vários estudantes universitários, que se temia pudessem vir a desencadear uma nova crise académica, semelhante à que tinha ocorrido em 1962.

Humberto Delgado, o general que tivera a coragem de desafiar Salazar nas eleições presidenciais de 1958, seria assassinado neste ano por agentes da PIDE, perto de Badajoz.

A Sociedade Portuguesa de Escritores, também neste ano, vê as suas instalações encerradas pela PIDE, na sequência da atribuição do prémio literário ao escritor angolano Luandino Vieira.

É neste ambiente depressivo e anti-democrático que decorrem as comemorações bocagianas.

O Almirante Américo Tomás, reeleito presidente da República em Julho de 1965, visita Setúbal nos dias 15 e 16 de Setembro e preside às comemorações, fazendo-se acompanhar por alguns elementos do Governo, do embaixador brasileiro, da Comissão Nacional das Comemorações Bocagianas e de outras individualidades relevantes da política e da cultura. Todavia, a figura mais emblemática e principal rosto do regime, o todo-poderoso António de Oliveira Salazar, não compareceu.

No âmbito destas comemorações, o ilustre bocagiano Hernâni Cidade, que tivera um papel de destaque nas mesmas, dará à estampa a obra intitulada *Opera Omnia* (6 vols.), terceira publicação da obra completa de Bocage (1969-1973).

A Junta Distrital de Setúbal editará duas obras de referência: uma antologia sobre o Poeta, com selecção de textos, prefácio e notas de Rogério Claro; e uma compilação de estudos bocagianos intitulada *Homenagem Nacional a Bocage no II Centenário do seu Nascimento* [...], que inclui a célebre conferência proferida por Olavo Bilac, em 1917.

A Câmara Municipal, a par de outras iniciativas culturais (conferências, saraus poético-musicais...) manda cunhar uma medalha comemorativa, em prata e em cobre.

Um dos momentos mais significativos destas comemorações foi a inauguração, a 16 de Setembro, do monumento ao poeta brasileiro Olavo Bilac, grande admirador de Bocage, cujo busto em bronze foi oferecido pela Academia Brasileira de Letras. Como forma de agradecimento, o governo português presenteou o país irmão com um busto em mármore do vate setubalense, que seria colocado numa das artérias do Rio de Janeiro, terra onde Olavo Bilac nascera.

Na cerimónia da inauguração deste monumento a Olavo Bilac – que decorreu na Praça do Brasil, cujas obras de urbanização tinham sido concluídas recentemente – estiveram presentes o presidente da República e os presidentes da Câmara e da comissão brasileira que ofertou à cidade de Setúbal o busto do afamado bocagiano.

Ainda no âmbito destas festividades, Américo Tomás inauguraria a Estalagem de São Filipe (15 de Setembro), nela pernitoando de 15 para 16 de Setembro<sup>8</sup>.

Seria preciso, contudo, esperar pela Revolução de 25 de Abril de 1974 para que a obra de Bocage fosse lida e reflectida a outra luz pelas entidades oficiais, mais consentânea com os ideais de Liberdade, Democracia e Tolerância defendidos pelo imortal poeta setubalense.

## 7 – CONCLUSÃO

Homenagear a figura e a obra do homem-poeta Bocage, foi o desiderato das várias comemorações bocagianas ao longo dos séculos XIX e XX. Mais ou menos marcadas e condicionadas pelos contextos

históricos e políticos em que ocorreram, representaram sempre momentos de afirmação e de valorização do legado de um poeta ímpar, mesmo em conjunturas mais adversas em que os ideais e os valores defendidos pelo Poeta conflituavam abertamente com a situação vigente. Nessas épocas, em especial, Bocage, amante da Liberdade e da Tolerância, torna-se musa inspiradora de muitos daqueles que anseiam por uma sociedade mais justa, mais igualitária e mais fraterna.

Cumpre-nos a nós, homens e mulheres do século XXI, aprofundar o estudo da obra bocagiana, contribuindo para a sua divulgação em novos moldes, que a libertem, de uma vez por todas, de alguns estereótipos que não lhe fazem justiça, diminuindo-a, desfigurando-a e mutilando-a.

## NOTAS

2 - As verbas necessárias à construção do monumento a Bocage foram angariadas através de uma subscrição pública lançada em Portugal e no Brasil, por iniciativa dos irmãos António e José Feliciano de Castilho.

3 - Estima-se que no ano de 1907 já se encontrassem a laborar em Setúbal 36 fábricas de conservas de peixe.

4 - D. Luís Filipe, Príncipe Regente, foi convidado a participar nas comemorações bocagianas, juntamente com o Governo. Todavia, nem o Príncipe Regente nem o Governo compareceram às festividades marcadas para o dia 21 de Dezembro, preferindo apenas fazerem-se representar na sessão solene do dia seguinte. Certamente – e à semelhança do que já tinha acontecido aquando das comemorações do tricentenário de Camões (1880) – as instituições monárquicas temiam ser alvo de uma recepção hostil, nomeadamente de manifestações organizadas ou espontâneas contra o regime.

5 - Actual Lar Dr. Paula Borba.

6 - Antigo Teatro D. Amélia, situado na Avenida Luísa Todi, cujo nome viria a ser alterado com o advento da República.

7 - Os Jogos Florais, ou Florálias, eram festividades feitas em honra de Flora, deusa romana da Primavera. Com o passar do tempo, esta celebração assumiu a forma de concurso literário, onde poetas e outros amantes das letras tinham a oportunidade de apresentar os seus textos num concurso. Os republicanos foram grandes simpatizantes e impulsionadores desta actividade cultural.

8 - Informação recolhida em vários números d'*O Setubalense*, contemporâneos dos factos descritos (1965). Consultar, a este propósito, Mouro e Pena, 2005.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amaral, J. E. do. B. (1905) - *Germinal*, 112, 21 de Dezembro. Setúbal: José Artur Quaresma, p. 2.
- Arranja, Á. (2003) - *Bocage, a Liberdade e a Revolução Francesa*. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos.
- Bilac, O. (2001) - *Bocage: conferência realizada no Teatro Municipal de S. Paulo em 19 de Março de 1917*. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos.
- Braga, T. (1875-1876) - *Obras Poéticas de Bocage*, 8 vols. Porto: Imprensa Portuguesa Editora.
- Braga, T. (1876) - *Bocage, sua Vida e Época Literária*, Porto: Imprensa Portuguesa Editora.
- Braga, T. (1884) - *Os Centenários como Síntese Afectiva nas Sociedades Modernas*. Porto: Tipografia de A. J. da Silva Teixeira, *passim*.
- Braga, T. (1905) - Bocage: 1805-1905. *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, XXVIII (972), 30 de Dezembro. Lisboa: Empresa do Ocidente, p. 281-282.
- Chitas, A. (2008) - À (re) descoberta de Bocage. *O Setubalense*, 99, 28 de Julho. Setúbal: Florindo Cardoso, p. 4.
- Costa, A. A. (2011) - *História e Cronologia de Setúbal (1248-1926)*. Setúbal: Estuário - História.
- Costa, A. A. (2009) - *O X Congresso Republicano de 1909 sob o signo da revolução*. [http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/4987/1/O\\_X\\_Congresso\\_Republicano\\_de\\_1909---.pdf](http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/4987/1/O_X_Congresso_Republicano_de_1909---.pdf).
- Costa, Augusto da (1915) - Duas palavras sobre Bocage. *A Voz da Mocidade*, 17, 15 de Setembro. Setúbal: Fernando Bonard Simões, p. 2.
- Graça, M. de Sampayo P. A. (1995) - Os últimos dias da monarquia em Portugal. *Revista de história*, 13. Porto: Centro de história da universidade do Porto, p. 179-194. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6362.pdf>.
- Godinho, J. C. (1915a) - Editorial. *A Voz da Mocidade*, 17, 15 de Setembro. Setúbal: Fernando Bonard Simões, p. 1.
- Godinho, J. C. (1915b) - Programa das grandes festas da cidade. *A Voz da Mocidade*, 17, 15 de Setembro. Setúbal: Fernando Bonard Simões, p. 4.
- (1905) - *Ilustração Portuguesa*, 111, 18 de Dezembro. Lisboa: Empresa do jornal "O Século", p. 932.
- Leal, E. C. (2013) - A ética positivista de Teófilo Braga: virtude moral e dever cívico dos centenários. *Revista de Estudos Filosóficos*, 11. São João del-Rei: Universidade Federal, p. 33-44. [www.seer.ufsj.edu.br/index.php/estudosfilosoficos/article/view/2155/1459](http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/estudosfilosoficos/article/view/2155/1459).
- Luz, J. L. Brandão da (2010) - *Teófilo Braga e a Celebração das Grandes Individualidades da História*. Boletim do Núcleo Cultural da Horta, 19, p. 225-237. [www.nch.pt/biblioteca-virtual/bol-nch19/BoletimNCH-19-225.pdf](http://www.nch.pt/biblioteca-virtual/bol-nch19/BoletimNCH-19-225.pdf).
- Moita, L. (1915) - Um génio do século XVIII. *A Voz da Mocidade*, 17, 15 de Setembro. Setúbal: Fernando Bonard Simões, p. 4.
- Mouro, C.; Pena, H. (2005) - *Bocage, os Lugares da Memória (1864-2005)*. Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal.
- (1905) - *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, XXVIII (972), 30 de Dezembro. Lisboa: Empresa do Ocidente.
- Pimentel, A. (1877) - *Memória sobre a História e Administração do Município de Setúbal*. Lisboa: Tipografia de G. A. Gutierrez da Silva.
- Sereno, B. (1915) - Carta ao Director. *A Voz da Mocidade*, 17, 15 de Setembro. Setúbal: Fernando Bonard Simões, p. 4.
- Vieira, J. A. (1905) - Em honra de um revoltado. *Germinal*, 112, 21 de Dezembro. Setúbal: José Artur Quaresma, p. 2.
- Osório, A. C.; Oliveira, Paulino de (1905) - *A nossa Homenagem ao Insigne Poeta Setubalense Bocage na Passagem do 1.º Centenário da sua Morte*, n.º único, 21 de Dezembro. Lisboa: Imp. de Libânio da Silva.